Exposição de 2 Timóteo: 2 Timóteo 2:20-26

Edward B. Dennett

2 Timóteo 2:20-26 • Leitura de 12 min • Nível escolar: 11

2 Timóteo 2:20-26

A próxima coisa que nos vem à mente é o estado em que o cristianismo, em sua forma exterior no mundo, caiu: “Mas numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; uns para honra e outros para desonra. Portanto, se alguém se purificar destes, será vaso para honra, santificado, idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda boa obra.” (2 Tm 2:20-21).

Observa-se que o Apóstolo não diz exatamente que a casa de Deus contém vasos para honrar e para desonrar, embora isso seja verdade quando falamos da casa de Deus como construída pelo homem sob responsabilidade, de acordo com sua apresentação em 1 Coríntios 3. É antes uma comparação que ele usa; e por isso ele diz: "em uma grande casa". Ao mesmo tempo, não se deve esquecer que é isso que a casa de Deus na terra se tornou: uma esfera na qual crentes e meros professos, servos bons e fiéis e servos maus, tornaram-se tão misturados que vasos de ouro e prata são misturados em todos os lugares com aqueles de madeira e barro.

Quando a casa de Deus foi formada no dia de Pentecostes, ela continha apenas aqueles que eram realmente crentes; pois o Senhor então acrescentou “aqueles que deveriam ser salvos”. Mas muito em breve, como Judas escreve, certos homens se infiltraram sem perceber; e daí em diante aquilo que se chamava cristão era uma coisa misturada e corrupta.

Tal era o estado de coisas que havia surgido mesmo nos dias de Paulo, e do qual o Espírito de Deus aproveita a ocasião para estabelecer princípios para orientação individual, tanto naquela época quanto nos dias seguintes, quando a confusão e a corrupção indicadas se tornariam mais pronunciadas. Dizemos “princípios para orientação individual”; pois é importante observar que, para citar as palavras de outro, “a disciplina para faltas individuais não é o assunto aqui, nem a restauração de almas em uma assembleia que perdeu em parte sua espiritualidade, mas uma linha de conduta para o cristão individual em relação àquilo que, de alguma forma, desonra o Senhor”. Aplicar essa linguagem, de fato, às assembleias separadas dos santos seria falsificar o ensino do Apóstolo em outras escrituras e justificar a tolerância de quase todo e qualquer tipo de mal no meio dos santos. Por isso, não se pode insistir com demasiada veemência que o Apóstolo está lidando com a forma externa do cristianismo, da qual o próprio crente faz parte; “pois ele se chama cristão, e a grande casa é tudo o que se chama cristão.” Nessas circunstâncias, o que o Espírito Santo afirma aqui é a responsabilidade individual de estar separado do mal, conforme o que foi visto no versículo anterior — “Todo aquele que profere o nome de Cristo [o Senhor] aparte-se da iniquidade.” No versículo 22, temos a natureza dessa responsabilidade individual descrita com mais precisão.

O apóstolo então diz: "Se um homem" (ou melhor, "qualquer um") "purificar-se destes", e a linguagem é muito forte; literalmente é, "purificar-se de". A palavra "purificar-se" só é encontrada em outro lugar, onde está: "Expurgai, pois, o fermento velho" (1 Co 5:7), o que deveria ser feito pelos coríntios ao expulsar "do meio de vós esse homem perverso". Mas aqui — e é no contraste que reside o ensino — devemos nos purificar dos vasos de desonra. Os coríntios tinham que tirar o mal do seu meio, porque era pecado na assembleia; temos que nos separar do mal (porque é instrução para o indivíduo, e não, como no caso deles, para a assembleia), a fim de sermos aprovados para o serviço do Senhor.

Tal é, então, a mente do Senhor para o Seu povo em dias de confusão e maldade. Duas perguntas, no entanto, permanecem sem resposta. A primeira é: O que são os vasos para desonra? E, a segunda, o apóstolo tem em vista apenas os servos do Senhor? Para considerarmos esta última primeiramente, é abundantemente claro, julgamos, pelas palavras: "Se, pois, um homem [qualquer homem] se purificar", que todos os cristãos são contemplados. Se assim for, como não podemos duvidar, os vasos para desonra não significarão uma classe, mas aqueles, sejam cristãos ou simplesmente professos, que estão contaminados com qualquer tipo de mal, ou envolvidos em qualquer coisa que desonre o nome do Senhor. E que o leitor observe que a responsabilidade não é julgar o estado e a condição pessoal de tais vasos, mas purificar-se deles, porque ele tem a obrigação, como quem profere o nome do Senhor, de se afastar da iniquidade.

A consequência de nos separarmos de tais vasos é que seremos vasos para honra (e isso explicará o significado dos vasos de ouro e de prata no versículo anterior),

santificados, separados e santos, assim como separados e aptos, ou úteis, para o uso do Mestre — preparados para toda boa obra. Esta é uma palavra solene para os crentes, e nunca mais do que no momento presente. Alguém então deseja ser usado pelo Senhor? Aqui está a Sua própria qualificação para o serviço; e lembre-se de que a qualificação está ao nosso alcance e alcance, na dependência dAquele que a revela a nós, e através do poder que Ele concederá. Então, uma vez qualificados, cabe a Ele nos tomar e usar como, onde e quando Ele quiser; pois por meio dela somos "preparados para toda boa obra".

Há, contudo, também o lado positivo da separação; e por isso o Apóstolo acrescenta: “Foge também das paixões da mocidade, mas segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor” (2 Tm 2:22). Esta palavra é dirigida mais especialmente a Timóteo, mas seu significado reside na conexão, seguindo como segue os versículos que acabamos de considerar. Todas as tentações que atraíam os jovens, ou melhor, os desejos aos quais as tentações eram dirigidas, deviam ser evitados; e enquanto, por um lado, ele devia “fugir” delas, por outro, devia “buscar” as coisas aqui indicadas. O propósito do coração será necessário tanto para um como para o outro; e nada gerará isso, exceto ter o coração ocupado com Cristo, e assim trazido à comunhão com Sua mente, e, como consequência, ter o olho único. A justiça, a justiça prática vem primeiro — aquela justiça que se cumpre naqueles que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8:4), e que se manifesta na santidade de vida e de caminhos. Depois, a fé — aquela fé que é fruto do Espírito e que distinguiu tantos santos da antiguidade, como registrado em Hebreus 11, e foi demonstrada em sua confiança em Deus sob todas as

circunstâncias de provação, adversidade e do poder manifesto do inimigo. Também a “caridade” — isto é, o amor — que em sua essência é a natureza divina e que é descrita, como vista nos santos, pelo Apóstolo em 1 Coríntios 13. E, finalmente, a paz — paz entre os santos, como consequência da paz desfrutada com Deus na alma, mas que só pode ser buscada onde as graças recém-nomeadas são previamente encontradas. (Compare Is 32:17 ; Tg 3:17-18 .)

Observe, além disso, que essas coisas devem ser "buscadas" em companhia daqueles que invocam o Senhor com um coração puro. Frequentemente se argumenta que a separação do mal levaria, em dias como os atuais, a um caminho de isolamento. Esta escritura é uma resposta completa a tal afirmação; e, de fato, é evidente que aqueles que reconhecem sua responsabilidade individual de se afastar da iniquidade e seguir a justiça, a fé, a caridade e a paz, devem encontrar-se no mesmo caminho e ser atraídos para a mesma companhia.

Deve-se observar também que se espera que o crente distinga aqueles que invocam o Senhor com um coração puro, bem como aqueles que são vasos para desonra, e que tanto a vontade do Senhor é que ele esteja em companhia dos primeiros quanto que se purifique dos segundos. A confusão é inquestionável, mas, onde quer que haja um único olho, haverá pouca dificuldade em discernir o caminho do Senhor através dele; e não é pequeno consolo saber que nunca faltarão, mesmo nos dias mais sombrios que virão, aqueles que invocam o Senhor com um coração puro, ou orientação para aqueles que buscam fazer a vontade do Senhor, para direcionar ao lugar onde tais podem ser encontrados.

Mais uma vez o apóstolo adverte Timóteo a tomar cuidado

com controvérsias: “Evita, porém, questões tolas e indoutas, sabendo que produzem contendas” (2 Tm 2:23; compare com 2 Tm 2:16). Trata-se, literalmente, de perguntas tolas e “indisciplinadas”; e foi apontado por outro que a palavra “indisciplinado” é frequentemente usada para uma “mente não sujeita a Deus, um homem que segue a sua própria mente e vontade”. Isso explicará o tipo de questionamento mencionado — aqueles que brotam dos próprios pensamentos e raciocínios do homem e que, portanto, não poderiam deixar de produzir contendas.

A introdução desta última palavra, “contendas”, oferece a oportunidade para uma bela descrição do que deve ser o caráter e a conduta de um verdadeiro servo. “E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser brando para com todos, apto para ensinar, paciente; disciplinando com mansidão os que resistem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, e se tornem livres dos laços do diabo, dos quais foram feitos prisioneiros para a sua vontade” (2 Tm 2:24-26).

A palavra traduzida como “lutar”, assim como a traduzida como “contendas” no versículo anterior, deveria ser antes “lutar”, e “lutar” no sentido de lutar, entrar em conflito de forma maligna. Portanto, embora o servo do Senhor deva manter a verdade apesar de toda oposição, enfrentar seu companheiro de frente se necessário, como Paulo fez com Pedro quando a verdade da graça estava em questão, e batalhar fervorosamente pela fé uma vez entregue aos santos, ele nunca deve descer da plataforma da verdade, como uma revelação positiva de Deus, e como confiada a ele como testemunha, para se envolver em conflito com aqueles que levantam questões tolas e incultas. Ele, por

sua vez, deve sair da presença de Deus com a autoridade da verdade estabelecida em sua própria alma, e assim capacitado a proclamá-la dogmaticamente em meio a todas as incertezas das contendas humanas, das quais ele também se protegerá cuidadosamente. Com uma mensagem para todos, ele não se posiciona ao lado de ninguém em seus conflitos, pois deve falar a todos igualmente em nome do Senhor.

Além disso, quanto ao seu próprio espírito, ele deve ser gentil com todos; imperturbável pelas paixões que governam os homens em suas disputas partidárias; calmo, como no gozo da presença de Deus; governado em todos os seus pensamentos e sentimentos por aquela poderosa graça da qual foi feito sujeito e, assim, fortalecido pela operação do Espírito de Deus, capacitado a apresentar a gentileza de Cristo a todos a quem for enviado e com quem tiver que lidar. Ele também deve ser "apto para ensinar"; pois, com questões levantadas de todos os lados que afetam a Palavra de Deus, ele deve estar sempre pronto para explicar e afirmar seu significado.

Em seguida, ele deve ser paciente, ou melhor, “tolerante”, no sentido de sofrer tudo e qualquer coisa que possa surgir no caminho do serviço, das mãos dos oponentes. Isso ainda se refere ao espírito do servo, como pode ser visto pelo uso da palavra na exortação: “Suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4:2). E, portanto, o apóstolo prossegue: “Instruindo [ou corrigindo] com mansidão os que se opõem”; isto é, os que se opõem à verdade de Deus. E para sustentar o servo em tal espírito, ele deve sempre se lembrar da possibilidade de recuperação dos oponentes. O inimigo de hoje pode, na graça de Deus, ser o amigo de amanhã; e nunca perdendo de vista isso, ele deve continuar instruindo mansamente e buscando a Deus

para que dê aos opositores o arrependimento para o reconhecimento da verdade, e para que eles possam se recuperar das armadilhas do diabo.

A última cláusula deste versículo (2 Tm 2:26) tem ocasionado considerável discussão. A questão levantada é se "a sua vontade" é a vontade de Deus ou a de Satanás. Se for a primeira, o significado é "para que se recuperem" (ou recuperem o juízo) "dos laços do diabo" (que são levados cativos por ele) para a Sua vontade — isto é, para a vontade de Deus — o objetivo da sua recuperação é que possam, no futuro, ser governados pela vontade de Deus. Se for a segunda, deve ser tomada como está, e então significa que esses opositores são levados cativos por Satanás para fazer a sua vontade. Qualquer que seja a opinião adotada, o solene ensino da Escritura não pode ser resistido, de que aqueles que se opõem à verdade são os instrumentos por estarem na armadilha de Satanás, e que, como tal, foram levados cativos por ele como sua presa.

Tal é a revelação feita aqui — que todos os que resistem à verdade de Deus, que a recusam, por mais eminentes que sejam no mundo do intelecto ou da ciência, nada mais são do que pobres escravos de Satanás, guiados por ele, se não inspirados por ele, assim como os servos do Senhor são guiados e ensinados pelo Espírito de Deus.